

Veja

23/7/1986

O centro nervoso do conflito

Os atuais conflitos entre os cortadores de cana e usineiros, intermediados por políticos e sindicalistas, que se desenvolvem há três semanas na região de Leme, agitam um pedaço tradicionalmente pacífico do interior paulista, onde os habitantes se acostumaram a uma vida próspera e sossegada. Essa região é dominada por um oceano de canaviais, algumas indústrias de porte incrustadas em meia dúzia de cidades e talvez encontre em Araras, 90 000 habitantes, a 170 quilômetros de São Paulo e a 20 de Leme, seu melhor símbolo. Araras tinha a metade de sua atual população há quinze anos e, mesmo sob o impacto desse crescimento, bate recordes em matéria de qualidade de vida oferecida a seus moradores. Até o final do ano, segundo previsões da prefeitura local, não haverá na zona urbana nenhuma residência sem água encanada e luz elétrica. "Seremos uma cidade-modelo", diz, orgulhoso, o secretário de Planejamento de Araras, Valentin Viola, que anuncia para as próximas semanas a extinção da última favela do município, a "favela do barro". As 33 famílias que moram no local serão transferidas para casas populares da prefeitura e pagarão prestações mensais inferiores a 100 cruzados.

Nos últimos anos, a prefeitura da cidade construiu três conjuntos habitacionais para abrigar 2 000 famílias de bóias-frias e operários urbanos de baixa renda. "Gosto de morar aqui", diz o servente de pedreiro José dos Reis Lima, que ganha 1 500 cruzados mensais e pôde realizar um velho sonho há três meses fazendo malabarismos no orçamento: adquiriu um televisor em cores para assistir aos jogos da Copa do Mundo. "Em Araras, se vive decentemente", resume o prefeito Milton Severino, do PMDB. A verdade é que ali há muita gente pobre, notadamente o batalhão de bóias-frias da área. O que não se vê, no entanto, é miséria em padrões iguais ao das favelas das grandes cidades. Ao se procurar um operário de maior qualificação do que o servente de pedreiro Lima, pode-se deparar com exemplos inexistentes na maioria das regiões brasileiras, como o de Jair dos Santos, 44 anos, que trabalha na indústria Nestlé, ganha 8 600 cruzados por mês e tem casa própria de quatro quartos num bairro de bom nível. "Aqui, o custo de vida é menor", explica Santos. "Além disso, a indústria nos dá assistência médica e refeições."

DE SURPRESA — Araras tem quatro faculdades subvencionadas pela prefeitura, onde estudam 2 000 universitários. Em suas treze escolas municipais de 1º e 2º graus não faltam vagas e os alunos recebem merenda escolar de graça. A taxa local de mortalidade infantil é muito inferior à dos 38 municípios industriais que formam a região metropolitana de São Paulo. A lista pode crescer até onde se queira, para incluir por exemplo áreas verdes generosas, três academias de ginástica, a maior delas com 600 alunos, e um comércio aquecido. "Aqui, nosso problema é fazer estoque de geladeiras e videocassetes", diz Geraldo Silveira, gerente das Lojas Cem, no centro da cidade, que tem 10 000 clientes cadastrados em seu estabelecimento: Nesse panorama, repetido em tons não muito diferentes em cidades vizinhas, como Mogi-Guaçu, pousou há aproximadamente um ano e meio um clima de inquietação, provocado por ações mais organizadas dos trabalhadores rurais, que teve seu apogeu na atual greve dos bóias-frias de Leme e vizinhanças, coma participação de sindicalistas locais e representantes do PT e da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

"Essa greve pegou todo mundo de surpresa", afirma o prefeito de Leme, Orlando Leme Franco. "Há dias, não faço outra coisa senão pendurar-me no telefone tentando resolver essa crise", garante o empresário Gilberto Ometto, dono da Usina São João, onde trabalham 6 000 pessoas: Para Valentin Ferreira, um comerciante de artefatos de borracha que dirige o diretório municipal do PT em Leme, é falso atribuir a articulação do movimento rural aos militantes do

diretório. "Nunca fizemos trabalho político no campo, só na cidade", afirma Valentin. "A greve foi inesperada e cresceu espontaneamente devido às péssimas condições de trabalho na região."

A movimentação dos últimos dias alterou bastante a vida de Leme, uma cidade de amplas praças ajardinadas e um cotidiano modorrento que, na área criminal, apresenta taxas muito baixas. "Nos últimos sete meses, tivemos apenas cinco homicídios na cidade, o que é pouco para um lugar de 60 000 habitantes", afirma o delegado João Dias da Costa. Enquanto a greve dos bóias-frias parece perder vigor, o prefeito Orlando Leme Franco começa a interessar-se novamente por sua rotina. Depois do tiroteio que deixou dois mortos na cidade, Franco passou vários dias com o receio de que novo confronto pudesse acontecer. Agora, mais confiante, volta apensar nos problemas de sua administração. "Leme tem crescido bastante e acho que é hora de termos um plano viário mais efetivo", diz ele.

(Páginas 28, 29, 30, 32, 33 e 34)